

Estágio (tirocínio) Docente como espaço de formação de professoras/es para a EJA: reflexões sobre a experiência

Vanderlei Rocha Lima – UFBA. E-mail: lima.vander@hotmail.com
Maria Cláudia Mota dos Santos Barreto – UFBA. E-mail: mariamota@ufba.br
Gilvanice Barbosa da Silva Musial – UFBA. E-mail: gilvanice.musial@ufba.br

Eixo: Formação inicial e continuada de professores da EJA

Palavras-chave: EJA; Estágio Docente; Formação de Professores

Introdução

O presente texto tem como objetivo relatar a experiência de estudantes bolsistas do Programa de Demanda Social da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), ao realizarem a atividade de Estágio de Docência no curso de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia (PPGEDU/UFBA). Embora existam várias dimensões que possam ser dialogadas a partir da experiência do estágio docente, este trabalho concentra suas reflexões sobre a importância de discutir a formação de futuras/os professoras/es da Educação Básica pelo reconhecimento dos marcadores políticos e sociais, como classe social, raça/etnia, gênero, território, dentre outros, que acompanham o público da Educação de pessoas Jovens, Adultas e Idosas (EJA), seja nas áreas urbanas ou do campo. Com base em Arroyo (2011), Gomes (2011), Laffin (2016), Barreto e Musial (2021), dentre outras/os, tais reflexões vieram à luz por intermédio dos textos teóricos adotados no componente curricular Educação de Jovens e Adultas/os (EDC291) e nas discussões que foram promovidas junto às/aos participantes matriculadas/os neste componente.

Metodologia

O estágio foi realizado nos semestres consecutivos (2021.2 e 2022.1; 2023.1 e 2023.2) no componente curricular: Educação de Jovens e Adultas/os (EDC291), com carga horária semanal de quatro (04) horas, num total de 68 horas por semestre letivo, ofertado pela Faculdade de Educação (FACED) da UFBA. A escolha do componente curricular pela doutoranda e pelo doutorando se justifica pelos seus objetos de pesquisa se relacionarem e/ou dialogarem com esta modalidade de educação. As turmas formadas nestes períodos acadêmicos eram compostas por estudantes de diferentes semestres e que cursavam diversos cursos de graduação na UFBA, entre licenciaturas e bacharelados.

Cabe destacar que antes do início das aulas e durante todo o período dos semestres letivos, houve reuniões de planejamento e estudo dos textos teóricos adotados no componente curricular. Além destes momentos, coube às/aos estagiárias/os contribuir com a professora responsável pelo componente, executar atividades em sala de aula, participar das discussões e debates, como também apresentar sugestões para o aprimoramento e avaliação do processo de ensino e aprendizagem. Foram organizadas, enquanto atividades avaliativas, trabalhos em grupos, apresentações de seminários temáticos, produções individuais e participação das/os estudantes nas aulas.

Análise dos resultados

Primeiramente é preciso reconhecer que os diversos motivos, seja a falta de acesso à escola e/ou as condições que obrigam o público jovem, adulto e idoso a interromper os estudos, em sua maioria, estão interligados por processos históricos de exclusão e desigualdade. Para Arroyo (2011), a EJA deve ser pensada a partir de suas/seus sujeitas/os e de suas vivências e identidades coletivas de classe social, de raça/etnia, de gênero, de território, dentre outras. Precisa, ainda, refletir sobre a realidade sensível e objetiva do seu público que é complexa e rejeitando a ideia da EJA como segunda oportunidade, reafirmando-a no campo do direito. Do mesmo modo, é necessário superar o olhar para as/os sujeitas/os da EJA pela ótica da carência e da responsabilização individual pelo *fracasso escolar*.

As discussões realizadas ao longo dos semestres letivos no componente curricular EDC291, em diferentes turmas a partir das duas inserções, reiteram que o tratamento dado à EJA requer a ruptura com modelos e perspectivas rasas de compreensão de suas/seus sujeitas/os, entendendo-as/os não somente como pobres e da classe trabalhadora, mas mediante seus aspectos raciais e étnicos, seus atravessamentos de gênero e amparando-se nos diferentes territórios em que se encontram e se deslocam. Falar que tais marcadores atravessam a EJA implica considerar que sem o olhar para essas categorias não é possível entender como se configuram as turmas de EJA, quais desafios as/os estudantes enfrentam na escola e fora dela e os percursos trilhados até retomarem os estudos. A história do acesso ao processo de escolarização no Brasil sempre privilegiou alguns grupos específicos, em detrimento de outros. Não por coincidência, as turmas de EJA são compostas, em grande maioria, por pessoas pobres, negras, periféricas, ou vindas do campo, as quais, por vezes, são as primeiras das suas famílias a ingressarem na escola.

Além desses aspectos, pensando especificamente para as questões de gênero, mulheres enfrentam desafios particulares para se inserirem e permanecerem na escola, sobretudo pela

tripla jornada de trabalho enfrentada e pelo poder patriarcal que, recorrentemente, determina os espaços a que devem ou não se vincular. Por outro lado, a população LGBTQIA+ também se depara com inúmeros impedimentos de acesso e permanência na escola, sobretudo pessoas trans e travestis, as quais encontram na EJA a materialização do direito à educação.

Considerações Finais

A experiência do Estágio de Docência no componente curricular EDC291 ofertado pela UFBA, possibilitou o (re)conhecimento de que “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (Freire, 2002, p. 13), não somente a partir dos conteúdos explanados e aprofundados durante as aulas, mas também nos fazeres inerentes à prática docente no Ensino Superior. Os estudos a partir da EJA revelam a urgência desse componente curricular ser obrigatório nos cursos de graduação, especificamente nas licenciaturas, já que, no caso particular da UFBA, este faz parte da matriz curricular do curso de Pedagogia, sendo optativo para os demais cursos. Além dessa necessidade, entendemos que a discussão em torno dos marcadores sociopolíticos das/os estudantes da EJA, realizada junto às/aos graduandas/os foi essencial para avançarmos na formação de professoras/es e profissionais da educação, que entendam as especialidades dessas/es sujeitas/es e a prática pedagógica que ela demanda.

Referências

ARROYO, Miguel G. Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia G. C.; GOMES, Nilma Lino (Orgs.). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 19-50.

BARRETO, Maria Cláudia M. S.; MUSIAL, Gilvanice B. S. Mulheres da classe trabalhadora na EJA: processos de escolarização e conciliação com o trabalho. **Revista Trabalho Necessário**, v. 19, n. 40, p. 216-238, set.-dez. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GOMES, Nilma Lino. **Educação de Jovens e Adultos e questão racial: algumas reflexões iniciais**. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia G. C.; GOMES, Nilma Lino (Orgs.). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 87-104.

LAFFIN, Maria Hermínia L. F. Sujeitos jovens, adultos e idosos em processos de escolarização: o trabalho e o contexto social como elementos marcantes em suas vidas. In: DANTAS, Tânia Regina; AMORIM, Antonio; LEITE, Gildeci O. (Orgs.). **Pesquisa, formação, alfabetização e direitos em educação de jovens e adultos**. Salvador: EDUFBA, 2016, p. 151-168.